

Nervosismo

Economia - Brasil

e espera

À espera da posse da nova diretoria do Banco Central, o país padece da inexistência de uma política econômica. O vácuo já dura quase um mês. Ontem, o mercado voltou a pressionar o câmbio e a taxa bateu em R\$ 2.15, depois de ter sido negociada a R\$ 2.17.

O volume de dólares negociado no mercado de câmbio caiu muito desde a forte debandada de capitais ocorrida no início do ano. Antes da desvalorização, o mercado negociava algo entre US\$ 8 bilhões e US\$ 9 bilhões por dia. Hoje, está negociando entre US\$ 2 bilhões e US\$ 2,5 bilhões.

Há uma concentração de vencimentos de operações de empréstimos com o exterior – os eurobônus – neste semestre, o que também torna o mercado comprador de dólares. A previsão é que, somente em pagamentos das dívidas pública e privada no exterior, o Brasil remeta US\$ 12,6 bilhões na primeira metade do ano.

O que está acontecendo no comércio exterior era previsível. Nos dois primeiros meses do ano, as importações costumam superar as exportações, pressionando a taxa de câmbio. O presidente do Banco Bozano, Simonsen, Paulo Ferraz, lembra que no fim de fevereiro os exportadores começaram a voltar ao mercado. Com o início da exportação da safra da soja neste mês, a situação deve melhorar.

“O que não volta tão cedo são os empréstimos de eurobônus”, diz Ferraz. “A concentração de vencimentos no primeiro semestre já estava prevista. Quando o governo negociau uma ajuda com o FMI, o pacote era para equilibrar o balanço de pagamentos. O cenário não mudou.”

A volatilidade do câmbio cria uma enorme incerteza no mercado. Faz os exportadores, por exemplo, adiarem o fechamento de seus contratos de câmbio. A economia, com o vai-e-vem do dólar, funciona à deriva, sem uma referência de preços. Nesse cenário, a inflação é uma surpresa. Desagradável, por sinal.

Em fevereiro, o IGP-M, da FGV, registrou inflação de 3,61%. A economista Caroline Silveira, da Tendências Consultoria Integrada, está projetando IGP-M de 5,8% para este mês. Mantida a atual política monetária, os juros serão negativos pelo segundo mês consecutivo.

Uma política monetária frouxa estimula a fuga dos investidores para ativos reais (dólar, ouro, imóveis) ou para o consumo. No câmbio, o comportamento do BC, desde a adoção do regime de livre flutuação, tem sido errático. Ontem, ficou de espectador, assistindo à taxa subir até o nível mais alto desde o início da desvalorização.

O momento é de incerteza e, ao mesmo tempo, de expectativa. “É preciso que se defina uma política econômica”, diz Roberto Padovani, da Tendências. Há indefinições na área fiscal que também ajudam a tornar o ambiente nervoso. Neste mês, o Congresso vota o ponto crucial do ajuste fiscal programado para este ano: a recriação da CPMF. Além disso, aguarda-se o anúncio de novas medidas fiscais.

O governo acertou ao mudar, de quarta para quinta-feira, a data da próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), que, agora, vai coincidir com o dia da posse da nova diretoria do BC. Não fazia mesmo sentido que a atual diretoria, que será inteiramente substituída (com exceção apenas da diretoria de Normas), definisse a política de juros das próximas semanas.